

DEVANEIOS

EDUARDO GIRÃO

1

Vem, ó chuva!

As nuvens anunciam-te, mas são apenas esperanças.

Vem! As sementes querem germinar. As ovelhas têm sede, e estão a balir.

Converte em vergéis as sementes, e em leite te converte, no úbere das ovelhas.

Depois, escuta: ouvirás gorjeios e trinados entre ramos e flôres.

Depois, olha: verás nédios cordeiros, vivazes, a pularem na relva matizada dos prados.

Vem, ó chuva! A Natureza tôda suplica-te. Acaba a angústia dessa espera.

E bendita sejas.

2

Mucuripe. Tarde estival.

Na graciosa enseada, cingida de verdura, movem-se as águas e, ondeantes e marulhosas, trazem, cantando, à orla curva da praia, o beijo rendilhado das espumas.

Cai sôbre elas a luz doirada do arrebol radioso — beijo também, ainda cálido, do vespéral fulgor — chama refrangida

à superfície das águas, transfeita e mil vêzes dispersa, em lampejos trementes e íris inquietos, na borbulha espumejante e flocada dos rebojos.

O espetáculo emociona e arrebatá, a mostrar como nêlé se encontram e nupciam dois enlevos venturosos: o hino das águas à majestade do sol, e, derramado em raios de oiro, a bênção do sol à grandeza do mar.

Depois, recolhida e triste, finda a tarde e vem a escura noite e, densas, avultam as sombras envolventes, e já agora, é para estas, indiferentes e surdas, talvez, que se eleva e ressoa, cadenciada e saudosa, a música oceânica das ondas.

Lei do mundo é o efêmero: tudo passa.

3

Manhã radiosa.

Vibra, no basto arrozal, a festiva sinfonia da passarada, em alvorôço. É o hino da vida à semente que a nutre — o cântico alado da alegria, a trilar voejante, sôbre a mesa suspensa da seara auriverde, filha da mesma semente.

E não encanta apenas essa música de gorjeios; outro enlêvo se reúne e igualmente fascína: é a messe lourejante, no esplendor da florescência, banhada de sol e a mover-se e a balouçar, em ondulações suaves, ao bafejo caricioso dos zéfiros inconstantes.

Fugitivo faz-se, agora, o sofrimento.

Não geme a dor onde a alegria canta.

4

Beijam-se ,no mar, o sol e as águas. Noivados nesse encontro, o sol espelha nas águas o fulgor dos arreboís, e as águas, o encanto do íris no floco das espumas.

Bendito sois, divino sol!

Benditas sois, divinas águas!

Noivados, assim, trazeis beleza ao mundo!
 Noivai constantemente. Noivai sempre.

5

Árvore! dádiva de Deus! Todo louvor te é devido:

Porque te enfolhas, floresces e frutificas, e com as tuas folhas, as tuas flôres e os teus frutos alimentas os homens e as alimárias;

Porque, com a tua fronde, geras amena e acolhedora sombra, e assim, a êles — homens e alimárias — trazes alívio, descanso e confôrto;

Porque, no seio verdoso da tua ramagem, acolhes os passarinhos — alegres filhos do céu — e lhes ocultas e defendes os ninhos, e assim, permites que se multipliquem e trinem e gorjeiem, encantando a vida;

Porque serves de colmeia às abelhas, nutrindo-as com as tuas flôres, e assim, possibilitas que elas as convertam em mel e, com êsse mel, tornem doces os humanos repastos;

Porque, benéfica e prestadia, forneces aos que sofrem a ajuda medicinal das tuas essências, e assim, trazes caridoso alívio às dores do mundo;

Porque cresces e avultas, criando galhos e lenhos, e assim, com êles, auxilias a construir os tectos e os lares, onde, descuidosa, se abriga a humanidade;

Porque, sem ambições e orgulho, ódio ou inveja, nada pedes aos homens, e, assim, existes sòmente para as bênçãos e as dádivas do bem;

Porque convertes a seiva vegetal na fragrância capitosa das tuas flôres e, assim suavizas, enterneces, enebrias e alentas os ares, os prados, os cerros e as montanhas;

Porque, na festa alvissareira das tuas flolescências, há sutis enleios nupciais, e vêm dêstes os frutos e as sementes, e assim, te reproduzes e multiplicas, levando, depois, aos sêres animados o regalo e as alegrias da abundância;

Porque te ergues para os céus e dos céus recebes os beijos da luz, e assim, trazes, com a tua pompa e a tua alegria, vida e encanto às matas e às paisagens, e inspiração e lirismo à poesia e à arte;

Porque farfalhas, ao impeto dos ventos, e cicias, ao bafejo das brisas, e, assim, te transformas em música e a música é sô-pro divino;

Porque, finalmente, quando de tudo te despojam e até o tronco te abatem e queimam, ainda assim, de ti não se ouvem lamentos nem queixas.

Árvore abençoada! Não há, realmente, louvores que não mereças.

Sim; por tudo isso, e, sobretudo, por teres, inesgotável, a bondade das mães.

Louvada sejas!

6

Uma fita escura estira-se no horizonte azulado. Quase invisível está o navio.

Na praia, entre mãos trementes, agita-se um lenço, acenando. De quem, as mãos? De uma mulher.

Não mais divulga o filho, passageiro daquele barco, mas continua agitando o lenço. E soluça de saudade.

Não admira.

A saudade vê com o coração, e é dela ainda êste milagre: põe junto ao coração quem a distância pôs longe.

7

Canta o bem-te-vi: verá tão bem quanto diz no cantar?

Decerto, vê melhor quem vê cantando.

Enlaçam-se, aí, a alegria e a claridade.

8

Haverá coração nas pedras?

Se há, terão saudade: repete-se muito que já foram estrêlas.